Novo ciclo na indústria do país

Para o futuro da Petrobras, é importante realizar parcerias com empresas mundiais de peso, de maneira que ela própria se consolide como uma das maiores em âmbito mundial.



EM junho, ocorreu um marco importante na história do petróleo no Brasil, quando foi realizada a licitação que pôs fim ao monopólio da Petrobras e abriu o setor à participação das empresas privadas. Desde 1953, a estatal detinha o controle absoluto da exploração e da produção de óleo. A desregulamentação do setor havia sido aprovada em 1997 pela Lei 9.478, mas só pôde ser concretizada neste ano, em 15 e 16 de junho.

Em dois dias, foram oferecidos pelo governo 27 blocos, 12 dos quais foram vendidos por R$321,6 milhões. O prazo para a exploração dos blocos concedidos vai de seis a nove anos. A Petrobras foi uma das empresas mais agressivas, arrematando cinco blocos, isoladamente ou em parceria. A empresa tem grande experiência e tecnologia em águas profundas, sendo que cerca de 75% da produção brasileira de petróleo e 62% de gás natural são provenientes do mar, especialmente da Bacia de Campos.

Cautela entre as empresas estrangeiras

Antes do início da licitação, a expectativa da Agência Nacional de Petróleo (ANP), órgão regulador do setor no Brasil, era vender no mínimo 20 blocos entre os 38 participantes previamente habilitados. Contudo, as empresas estrangeiras ingressaram no mercado brasileiro em ritmo bem mais len-

Tem gente que não tem com quem falar.

Somos todo ouvidos

0800-21-7777

Atendimento exclusivo aos leitores das revistas da FGV

Caro Leitor
A Editora Fundação Getulio Vargas quer ouvir o seu maior patrimônio, **você**.

Já está à sua disposição a linha **0800.** Você pode fazer assinaturas, tirar dúvidas, dar sugestões, reclamar, elogiar.

A ligação é gratuita. LIGUE!

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

PRAIA DE BOTAFOGO, 190 — 6º ANDAR
22253-900 — RIO DE JANEIRO – RJ
TELS.: (21) 536-9110
FAX: (21) 563-9135
E-MAIL: asaine@fgv.br
http://www.fgv.br/fgv.htm

Primeira rodada de licitações – 15 e 16 de junho de 1999

Superintendência de promoção de licitações – Estatísticas por empresa

Empresas	Nº total de ofertas	Nº de ofertas em consórcio	Nº total de blocos adquiridos	Nº total de blocos adquiridos em consórcio
Petrobras	7	6	5	4
Agip Oil do Brasil	4	2	4	2
YPF	4	4	4	4
BG do Brasil	2	0	0	0
Kerr McGee	2	2	1	1
Amerada Hess	2	2	1	1
Texaco Brasil	6	2	3	1
Esso Brasileira	4	3	2	1
Unocal L.A.	2	2	1	1
Mobil	2	2	0	0
British Borneo	2	2	1	1
Enterprise Oil	1	1	0	0
Shell	2	2	1	1
BP	1	1	1	1
Total	**41**	**31**		

Fonte: Agência Nacional de Petróleo.

to do que se esperava. A exceção foi a operadora italiana Agip, que teve uma participação destacada, sendo a segunda maior vencedora, ao adquirir quatro blocos. As razões apontadas para a cautela das empresas estrangeiras foram as mais diversas: regime de tributação brasileiro com elevada carga fiscal; blocos pouco atraentes, tendo em vista os elevados investimentos exigidos; e estudos técnicos insuficientes.

A exploração petrolífera é um empreendimento muito dispendioso e bastante arriscado, daí a importância das pesquisas e estudos mais aprofundados. A própria conjuntura mundial do setor, marcada por uma série de fusões e aquisições, pode ser apontada como fator adicional que, de certa forma, desestimulou a participação mais ativa de empresas estrangeiras na licitação.

Embora a meta prevista inicialmente não tenha sido alcançada, tanto o ministro de Minas e Energia, Rodolpho Tourinho, quanto o diretor geral da ANP, David Zylbersztajn, fizeram questão de ressaltar que a licitação foi um sucesso, marcando o início de um novo ciclo da indústria de petróleo no Brasil. Não há dúvidas de que isso é verdade, mas é certo também que houve problemas na modelagem da licitação que já devem estar sendo discutidos. Tanto o tamanho dos blocos a serem concedidos como os compromissos de investimento das empresas com a ANP poderão ser alterados. A próxima licitação, que está marcada inicialmente para o final deste ano, poderá ser postergada para 2000, em função das mudanças de modelagem.

Equipamentos nacionais

Cabe destacar que todas as empresas ganhadoras da licitação estabeleceram um compromisso de compra de equipamentos com fornecedores nacionais, para que o Brasil não se torne mero produtor de óleo, mas se beneficie dos investimentos estrangeiros.

Atualmente, as economias mundiais passam por nova fase, com a globalização atingindo praticamente todos os setores. O modelo de desenvolvimento brasileiro das décadas de 60 e 70 — em que o Estado tinha participação fundamental na economia, juntamente com as empresas privadas nacionais e multinacionais — já se esgotou. O Estado não tem mais condições de arcar sozinho com os investimentos exigidos pelo setor de petróleo. Mesmo não tendo sido uma licitação ideal, 10 novas empresas internacionais estão no Brasil e parcerias importantes já estão sendo firmadas com a Petrobras. Para o futuro da estatal brasileira, é importante realizar parcerias com empresas mundiais de peso, de maneira que ela própria se consolide como uma das maiores em âmbito mundial.

O Brasil produz aproximadamente 1,2 milhão de barris por dia de petróleo e importa 447 mil. Ou seja, o petróleo importado corresponde a cerca de 40% do consumo nacional. As reservas mundiais de petróleo são de cerca de 1 trilhão de barris, sendo que o Brasil detém 7,5 bilhões dos quais comprovados. Espera-se que, com os novos recursos advindos da abertura do mercado, seja possível no futuro o país se tornar auto-suficiente, abastecido pelo óleo extraído de seu solo e de sua plataforma continental.

Elena Soihet
Economista do IBRE/FGV